

mais maravilhosas que as falsas”, argumenta Jacopo Mazzoni, “e não apenas no mundo natural, mas também na história humana”⁷⁴. E Tasso elaborou uma teoria do maravilhoso cristão na qual a verossimilhança é conferida pela fé: “Uma e mesma ação pode, portanto, ser ao mesmo tempo maravilhosa e verossímil: maravilhosa se a considerarmos em si mesma e presa às limitações naturais, verossímil se a considerarmos à parte dessas limitações com respeito à sua causa, que é uma força sobrenatural apta e acostumada a produzir tais maravilhas”⁷⁵.

Na Renascença, a teoria estética do maravilhoso surge associada à superação de grandes dificuldades e a uma estranha mescla de acaso e intenção humana (Castelvetro); ao espetáculo do inesperado ou extraordinário (Roborelli); à paixão, reversões e descobertas (Vettori); à reconciliação da unidade e variedade (Tasso); a mudanças súbitas e surpreendentes da narrativa (Denores, Talenti), ou aos efeitos do medo e do assombro associados a sentimentos religiosos e, portanto, à sublimidade e gravidade superiores (Patrizi)⁷⁶. Virtualmente todas essas categorias estéticas estão implícitas no uso insistente que Colombo faz do maravilhoso, não, é claro, porque ele de liberadamente aluda a elas — quase todas só foram plenamente articuladas bem mais tarde —, mas porque emergem da mesma matriz cultural que moldou sua linguagem e suas percepções.

Já agora estamos talvez em posição de compreender por que o termo é tão importante para ele e como se relaciona com o ritual legal graças ao qual reivindica as Índias para a Espanha⁷⁷. Esse ritual encerra, como vimos, um defeito, um absurdo, uma tragicômica invocação da possibilidade de uma recusa que, de fato, não se pode conceber que ocorra: *y no me fué contradicho*. A declaração legal poderia ter acontecido dentro de um espiri-

74. *Discorso in Difesa della "Commedia" del Divino Poeta Dante* (1572), in Allan H. Gilbert, *Library Criticism: Plato to Dryden*, Detroit, Wayne State University Press, 1962, p. 371. Cf. Francesco Ghisomini, a tragédia pelo maravilhoso, pelo demonstrar que uma coisa não acontecida pode vir prontamente a ocorrer” (*Scopri la Purificazione della Tragedia* [1586], in Weinberg, I, 628).

75. *Discorsi del Poeta Tasso* (1575-80), in Weinberg, I, 341. Tasso, escreve Weinberg, “pensa no maravilhoso como consistindo nos eventos que não entram na probabilidade natural. Como, então, podem ser críveis e aceitáveis no poema? A resposta está nas crenças, e mesmo na fé, dos ouvintes. Pois os cristãos acreditam nos milagres da Bíblia, sabem que são verdadeiros, embora sejam improváveis. É esse o único tipo de credibilidade que o poeta busca” (I, 630). Veja-se para um precedente poético, a observação de Aristóteles de que “há uma probabilidade de as coisas acontecerem também contra a probabilidade” (*Poética* 25, 1461a15).

76. Todos essas posições podem ser encontradas em Holmway, *parvum*.

77. É importante reconhecer que esse uso do termo “maravilhoso” não é assinatura individual de Colombo; é a marca de um efeito emocional compartilhado e de uma referência comum. Daí, por exemplo, o dr. Chanca, que acompanhou Colombo na segunda viagem, notar que os nativos “têm muitos utensílios, tais como machadinhos e machados, feitos de pedra, tão bonitos e bem-feitos que é maravilhoso ver como são capazes de produzir-lhes sem ferro” (I, 68). Mesmo quando Chanca experimente a reação pelos nativos, fá-lo no idioma do maravilhoso: “Esse povo”, escreve ele, “é tão degradado [isto é, bárbaro] que não têm tecnologia alguma para procurar outro lugar adequado onde viver. Quanto aos que vivem na praia, é maravilhoso queia barbaertamente eles construam *les maravilla muy beautifulmente coliferau*”. É notável, contudo, quanto infreqüentemente Colombo usa a linguagem do maravilhoso para exprimir, como faz Chanca aqui, sua desaprovação ou desprezo.

to de radical formalismo, mas esse formalismo deixa em sua estera uma lacuna emocional e intelectual, um buraco que ameaça levar o leitor de Colombo às lágrimas ou ao riso, bem como ao questionamento da reivindicação espanhola⁷⁸. Colombo tenta arrastar o leitor para o maravilhoso, para uma sensação de maravilhamento que de fato preenche o vazio localizado no centro do rito de posse mudado. Imediatamente depois de descrever esse rito, convém tembrar. Colombo declara que “à primeira ilha que descobri dei o nome de *San Salvador*, em memória da Divina Majestade que tão maravilhosamente concedeu tudo isto”. A maravilha do presente divino é aqui, ao mesmo tempo, uma legitimação e uma transcendência do ato legal. Os procedimentos do direito romano ditam o gesto principal de apropriação, mas esse gesto é suplementado por uma incommensurável e esplêndida certeza, a do cumprimento da promessa bíblica: “Se vós, diligentemente, cumprirdes todos os mandamentos que ora vos insto a observar, amando o Senhor vosso Deus, conformando-se a seus caminhos e mantendo-se junto dele, o Senhor varrerá as nações diante de vós e podereis ocupar o território de povos maiores e mais poderosos que vós. Onde quer que assenteis as solas de vossos pés, esse lugar será vosso” (Deut., 11:22-4).

Por si mesmo, o senso do maravilhoso não confere título; ao contrário, está associado ao desejo e nós só desejamos aquilo que não temos. Toda a vida de Colombo foi marcada pela ânsia de alguma coisa que sempre lhe escapava, pois que o reino, o Paraíso ou a Jerusalém que não conseguia alcançar, bem como suas expressões do maravilhoso, na medida em que articulam a ânsia, dão seqüência à suposição medieval de que maravilha e posse temporal segura se excluem mutuamente. Todavia, algo acontece ao discurso do maravilhoso quando se liga ao discurso da lei: a impropriedade do ritual legal para conferir título e a incapacidade do maravilhoso para conferir posse se anulam uma à outra, e tanto a reivindicação quanto a emoção são intensificadas de concerto. Nenhum dos discursos é livre e autônomo: cada qual — como, de resto, as próprias palavras individuais — extrai sua significação de seu concerto com outros motivos, tropos e atos de fala, bem como da situação em que está inserido. E há outro motivo para o concerto: sob as reais circunstâncias do primeiro contato, inexista qualquer discurso adequado à ocasião. No estado volátil, sem precedentes, de emergência e urgência em que Colombo se vê, tudo o que disser ou fizer será defeituoso. Sua resposta consiste em jungir o mais reumbante ritual legal que pode invocar à emoção mais espalhafatosa.

Numa passagem notável a que já aludi, o mestre de Tomás de Aquino, Alberto Magno, força em seu *Comentário à Metafísica de Aristóteles* por dar um esboço convincente da dinâmica interna do maravilhamento:

78. Nos anos que se seguiriam, ambos foram de fato provocados; as lágrimas de Las Casas, por um lado; o riso das histórias dos índios declarando que o papa estava bêbado ou louco ao pensar que podia dar o que não lhe pertencia, por outro.

A sensação de maravilhamento é definida como uma constrição e suspensão do coração causadas pela estupefação ante a aparência sensível de algo portentoso, tão grande e tão injustado que o coração sofre uma sistole. Assim, o maravilhamento lembra o medo em seu efeito sobre o coração. Esse efeito do maravilhamento, então, que é a constrição e a sistole do coração, brota de um desejo não-satisfeito, mas concreto, para conhecer a causa daquilo que parece portentoso e instigador: assim foi no começo, quando os homens então ainda indolentes começaram a filosofar... Ora, o homem que fica perplexo e se maravilha aparentemente não conhece. Portanto, o maravilhamento é o movimento do homem que não sabe por si mesmo descobrir o fundamento daquilo que o espanta, nem determinar sua causa... Tal a origem da filosofia.⁷⁹

O maravilhamento não é um estado sólido; é, por natureza, instável, moveiço, e não apenas o signo, mas o principal instigador do movimento. Para Alberto Magno o movimento executado pelo maravilhoso oscila entre o vazio da ignorância e a plenitude da compreensão filosófica⁸⁰. Obviamente, o maravilhamento não conduz Colombo à filosofia, mas, em resposta ao dom portentoso e instigado de Deus, arrasta-o para um ato que está estreitamente ligado, na Idade Média e na Renascença, à filosofia: o ato de nomear. Essa nomeação tem certamente muito a ver com a manifestação do poder através de títulos epônimos – daí Fernandina, Isabela, Ilha Joana (por príncipe João, já que tradicionalmente as ilhas têm terminações femininas). Além disso, o ato legal de posse envolvia costumeiramente a nomeação, pois os juristas da coroa “acreditavam que ninguém poderia reivindicar apropriadamente uma cidade sem nome e que uma província sem nome mal poderia ser considerada uma província”⁸¹. Todavia, há mais coisas envolvi-

79. Alberto Magno, trad. ingl. em J. V. Cunningham, *Woe and Wonder*, Denver, Denver University Press, 1951, pp. 79-80. Muito devo à tese de Cunningham sobre o maravilhamento. A intensidade da experiência que Alberto Magno está tentando definir parece-me um pouco maior no original:

Nam amnes homines qui nunc in nostra tempore philosophant sunt, non sicut ante philosophantibus nisi admittunt, Admittunt enim veritatem equanim et suspensionem cordis in simporem prodigiis magis in sensum apparentis, ita quod cor systema patitur. Propter quod citum admittunt aliquid simile habet timori in motus cordis, qui est et suspensio. Huius refuler motus admittuntis in evocata et systole cordis est et suspensio desiderii ad cognoscendum causam cuius quod apparet prodigiis, et ita a principio cum adhuc rudes philosophant incipientem, nunciam etiam quaedam dubitabunt quae paratior erant ad subleandum, sicut Psychopetici de numerationem passionibus, est de pari et impari, et perfectio et abundantia et diminutio numerorum. Qui autem abhiant et admittunt, ignorant viderent, est enim admittunt motus ignorantis procedentes ad ingreditum, ut sciat causam eius de quo mirantur, ergo signum est, quia ipse Philanthos secundum hunc modum Philosophos est: quia habita sua constituitur ab ipso et miranda (vi, 30).

(In Alberto Magno, *Opera Omnia*, ed. Augustus Borgner, 20 vols., Paris, Ludovicius Vivex, 1890, vi, 30)

80. Minha resposta à versão desse capítulo que apresentei na Universidade de Chicago, o professor Arnold Davidson sugere que é importante não confundir a ecologia do maravilhoso de Alberto Magno com a estética maravilhoso que discute anteriormente. Para o poeta, despertar o maravilhamento é uma das finalidades da arte: para Alberto, o maravilhamento se esgota e desaparece quando a mente vem de fato a compreender os fenômenos com que deparou. A distinção parece-me significativa, mas afirma-se aqui que ela é desconstruída pelas circunstâncias históricas reais em que Colombo se encontrava. Podemos, com efeito, tomar a desconstrução do maravilhamento como um modelo para o modo com que o título legal absorve o poder potencialmente destrutivo do maravilhoso, poder que nessas circunstâncias extraditadas a formalidade legal não obstante necessita, a fim de compensar a deficiência em seu centro.

81. George R. Stewart, *Names on the Land: A Historical Account of Place-Names in the United States*, ed. rev. (Boston, Houghton Mifflin, 1953), 12. Stewart cita a “instrução dada por el Rey a Pedrarias

das aqui do que formalidade legal. Os primeiros dois nomes – San Salvador e Isla de Santa Maria de Concepción – sugerem de novo que a afirmação da posse está relacionada, no imperialismo cristão, com a oferta de um presente valioso. E essa oferta, por seu turno, relaciona-se com um conhecimento superior, o conhecimento da verdade.

Quando, em Gênesis 2: 19, Adão dá nomes aos animais, os comentaristas medievais interpretam o gesto como um ato de *compreensão* maravilhosa. Martinho Lutero segue uma longa tradição exegética quando glosa assim o versículo:

Aqui, novamente, somos lembrados do conhecimento superior e da sabedoria de Adão, que foi criado em inocência e probidade. Sem nenhuma iluminação nova, somente devido à excelência de sua natureza, ele contempla todos os animais e chega assim a tamanho conhecimento de sua natureza que consegue dar a cada um um nome condizente, que se harmoniza com sua natureza.⁸²

Tal compreensão, prossegue Lutero, está ligada ao poder: “Dessa iluminação também se seguiu, é claro, o domínio sobre todos os animais, algo que igualmente se depreende aqui, pois foram nomeados de acordo com a vontade de Adão. Assim, graças a uma simples palavra, ele pôde compelir leões, ursos, javalis, tigres e o que mais havia entre os mais notáveis animais a fazer o que convinha à sua natureza” (pp. 119-120). Segundo Francis Bacon, quando o homem “é capaz de chamar as criaturas por seus verdadeiros nomes, é também capaz de mandar nelas”⁸³.

Talvez Colombo tenha imaginado estar nas imediações do Paraíso, mas sabia igualmente ser o herdeiro do pecado de Adão devido ao qual, observa Lutero, perdemos o Paraíso juntamente com o poder de aplicar nomes primais e coagir por meio da nomeação. Em sua carta, além disso, Colombo torna claro que está encontrando, não um mundo que nunca antes fora nomeado, mas um mundo de nomes estrangeiros: “Os índios chamam-na ‘Guanahani’”. Seu ato consiste, pois, em cancelar um nome já existente⁸⁴. Mas por que Colombo, diferentemente de Marco Polo ou Mandeville, insiste em renomear as terras que encontra? Para que deveria conferir a cada ilha “*una nombre nuevo*”? Para, segundo ele próprio, comemorar o maravilhoso presente do Salvador. O ato fundador do imperialismo cristão é um batismo⁸⁵. Semelhante

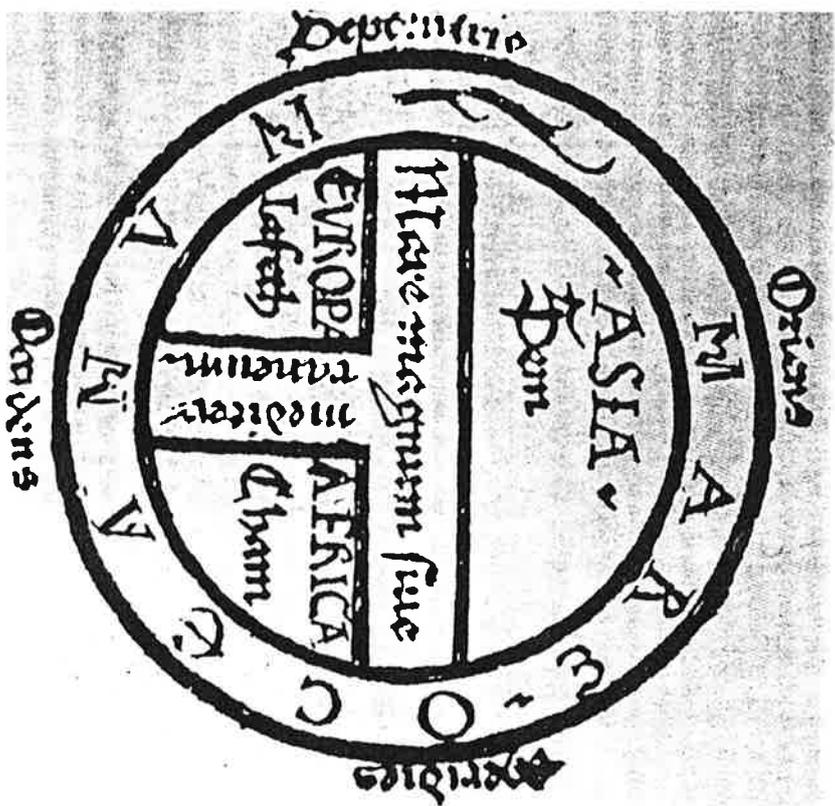
Dávila? “Ali elegit per boni providentia, princeps que tudo deves dar um nome à região como um todo, bem assim as cidades, aldeias e lugares”.

82. *Luther's Works*, vol. 1 “Lectures on Genesis”, caps. 1-5, ed. Jaroslav Pelikan, St. Louis, Concordia Publishing House, 1958, p. 119.

83. Francis Bacon, in *A Selection of His Works*, ed. Sidney Walker, Nova York, Odyssey, 1965, p. 21.

84. Trata-se pois de uma renomeação, como a renomeação de Jacó depois de sua luta com o homem misterioso. “Reignou-tlle então: ‘Como te chamam?’ Ele respondeu: ‘Jacó’. Então disse: ‘já não te chamarás Jacó, e sim Israel, pois lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste’” (Gên. 32: 27-9). Esse contexto colocaria Colombo na posição do mensageiro de Deus.

85. Ver Rudolf Schneckemburg, *Baptism in the Thought of St. Paul*, trad. ingl. G. R. Beakley-Murray, Nova York, Herder & Herder, 1964, p. 20: “Dar nome a uma pessoa tem o significado de ligar o batizado a

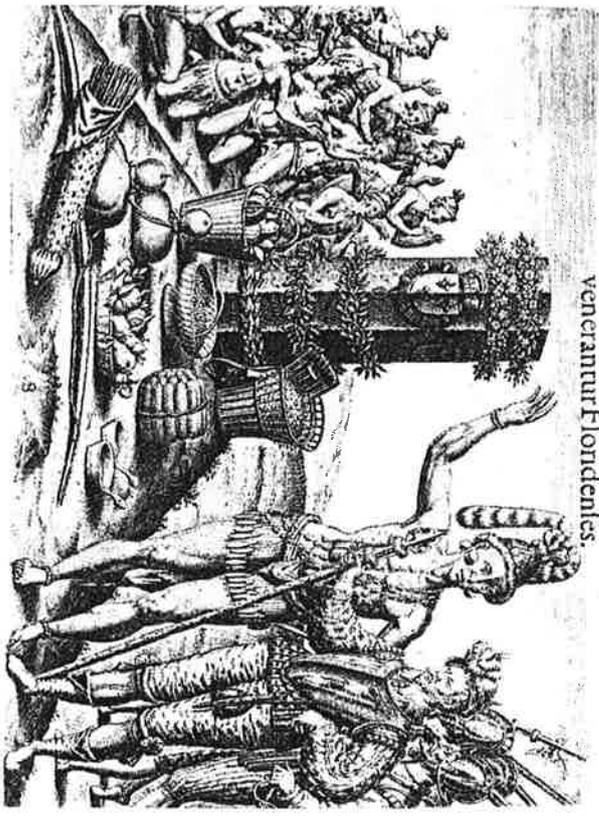


1. Um mundo com centro em Jerusalém: mapa "T" em "O" de Isidoro de Sevilha. *Etymologiae*. Amsterdão, 1472. Primeiro mapa-mundi saído das tipografias europeias. Newberry Library.



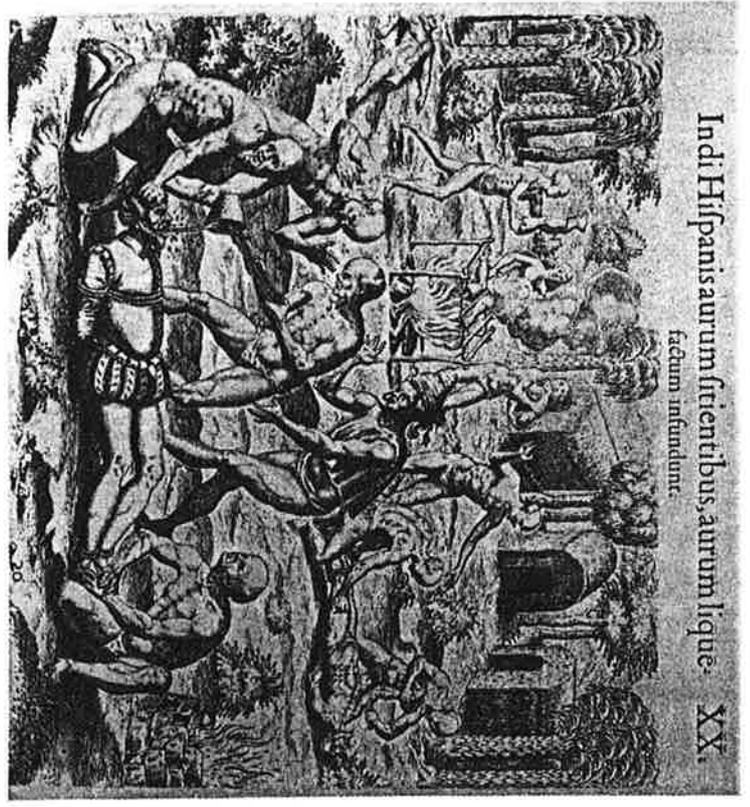
2. As maravilhas do Oriente: de uma coleção espanhola das *Viagens de Mandeville* (*Libro de las Maravillas del Mundo Llamanado Setra Des*). *vsu*. Alcañá, 1547). Houghton Library, Harvard University.

Columnam à Præfecto prima navigatione locaram VIII.
venerantur Flouidenses.

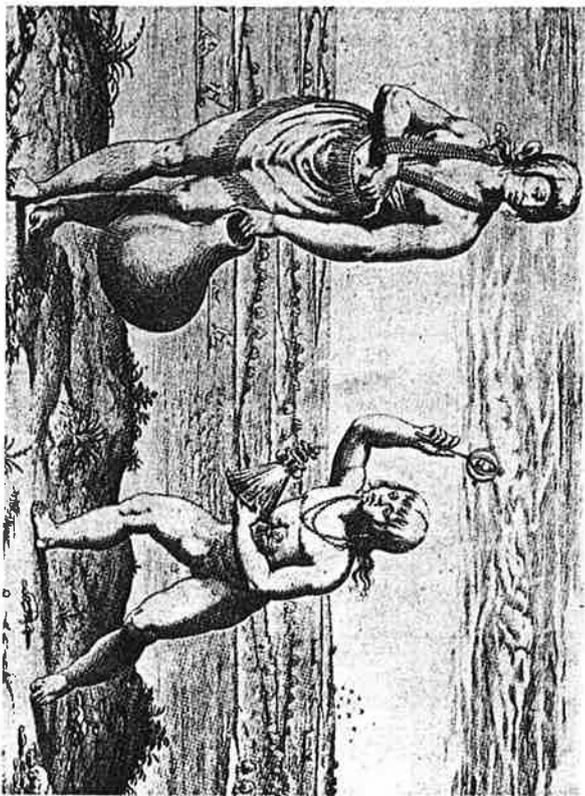


3. Marceos de posse: Adhote mostra a Laudomniere o padrao erguido por Kibauli e ora adorado pelos Indios. Extratido de Theodor de Bry: *America*, parte I (1591), grav. VIII. Bancroft Library, University of California, Berkeley.

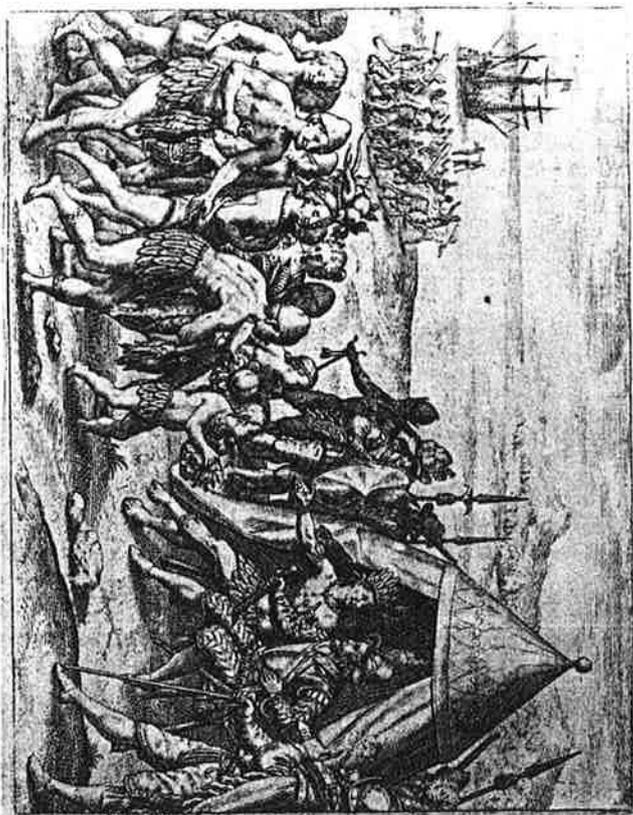
Indi Hispanis aurum ficientibus, aurum lique. XX.
factum infundunt.



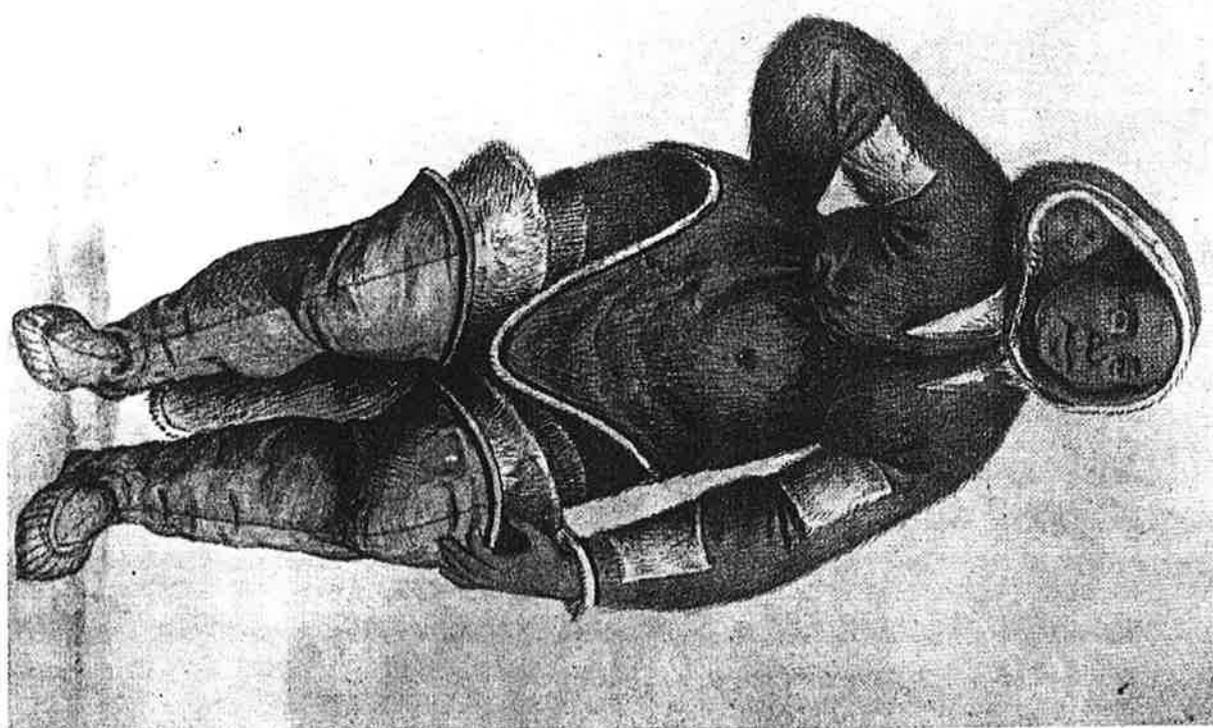
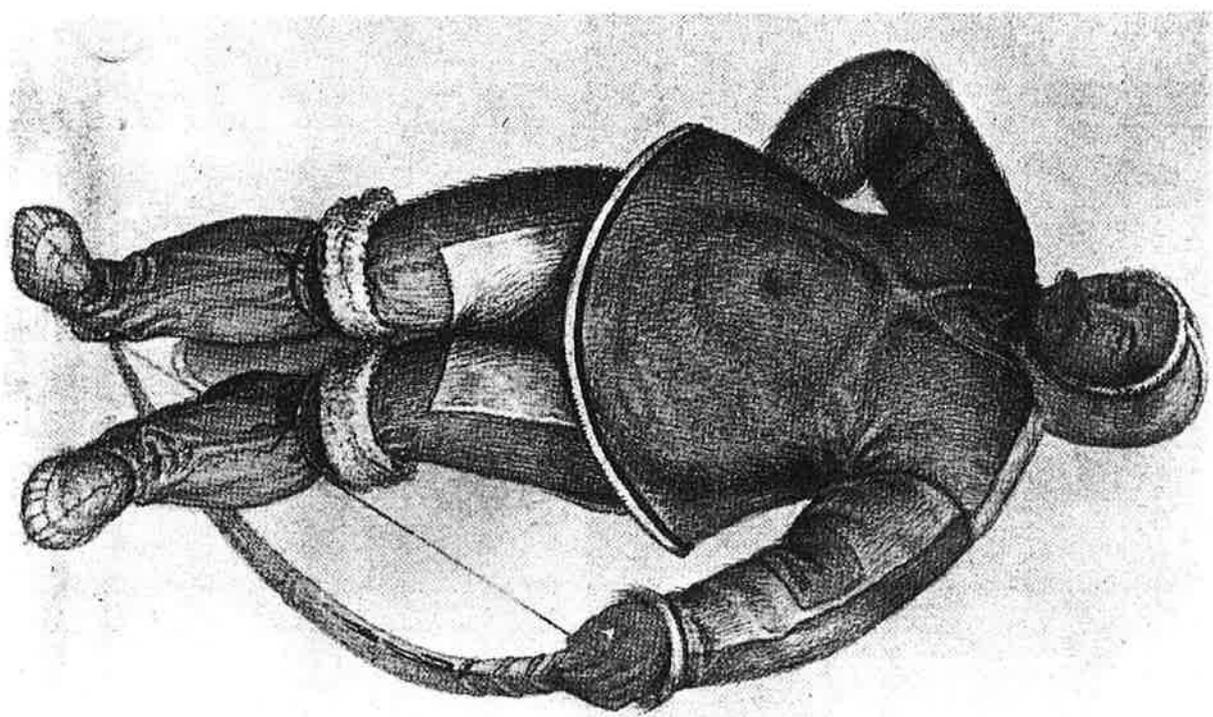
4. A "scule" de ouro dos espanhóis aplacada: indios despejam ouro derretido na boca de um cativo. Extratido de Theodor de Bry: *America*, parte IV, grav. XX. Bancroft Library, University of California, Berkeley.



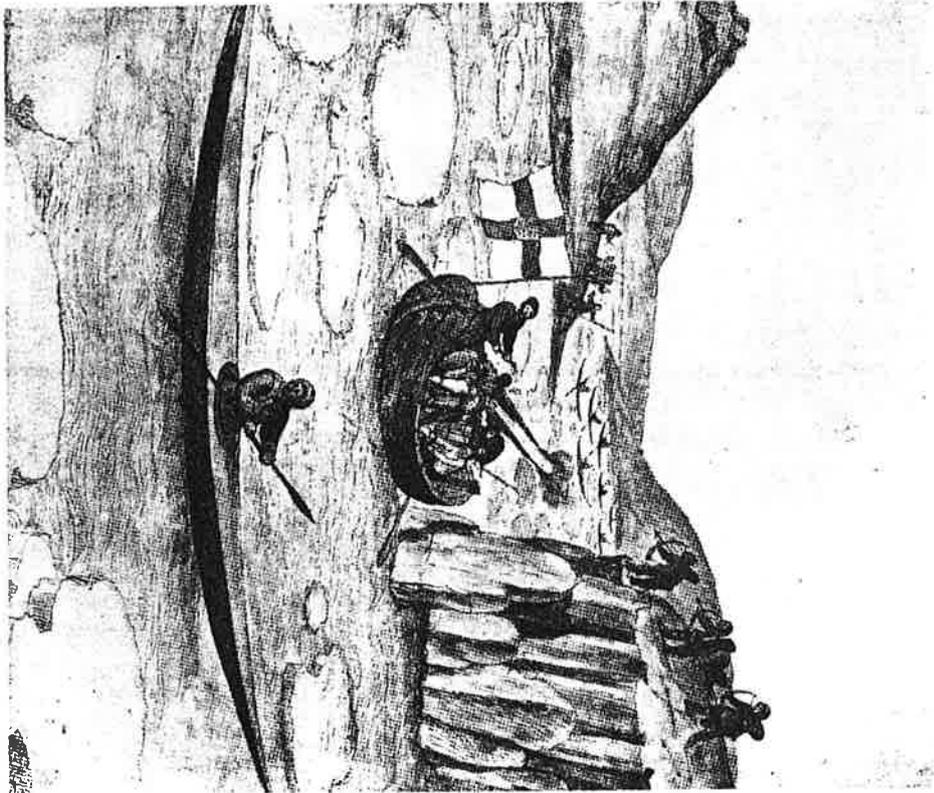
5. Brinquedos de presente: eruaça algouquima com honoca de fabricação inglesa. Aquenda de John White, British Library.



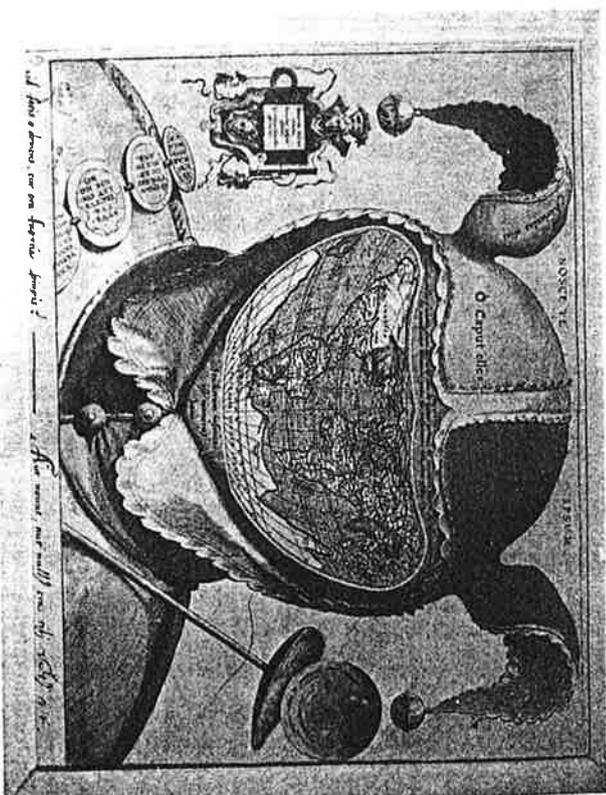
6. Presente de artigos necessários habitantes do Guiana trazem alimentos para Sir Walter Raleigh. Ex-rardo de Theodor de By, *America*, partes VII e VIII (1599). Bancroft Library, University of California, Berkeley.



7/8. Nativos pintados por europeus: homem, mulher e bebê esquimó. Cópia de desenhos de John White, 1577. Curadores do British Museum.



9. Escaramuça entre ingleses e esquimós. Cópia de um desenho de John White. Curadores do British Museum.



10. Viagem como loucura. Mapa anônimo baseado em original de Ortelio, emoldurado na viseira do chapéu de um burão, c. 1600. Douce Portfolio 142 (92). Bodleian Library, Oxford.

batismo acarreta o cancelamento do nome nativo – o apagamento de uma identidade estranha, talvez demoníaca – e, portanto, uma espécie de renovação: ele é, ao mesmo tempo, um exorcismo, uma apropriação e uma dádiva. O batismo é, então, a instância culminante do maravilhoso ato da fala: no enlevo do próprio nome, o movimento da ignorância para o conhecimento, a tomada de posse e a atribuição de identidade são fundidos num momento de puro formalismo linguístico.

No primeiro contato, Colombo apanhou vários nativos a fim de utilizá-los como informantes e intérpretes. Seis sobreviveram à viagem de volta à Espanha e, numa cerimônia pomposa, foram batizados; com Fernando, Isabel e o Infante atuando como padrinhos⁸⁶. O nativo mais esperto, o mais servicial para com os espanhóis, recebeu o sobrenome do próprio Colombo e o nome cristão de seu primeiro filho: Don Diego Colón. A magia da renomeação estendeu-se ao próprio Colombo: depois da Descoberta, em lugar de “Cristóbal”, ele passou a assinar suas cartas com “Christofrens”, “aquele que carrega Cristo”⁸⁷. E, de acordo com o cosmógrafo Sebastian Münster, o rei da Espanha sugeriu que Colombo fosse chamado, não *Almirante*, mas *Admirans*, “aquele que se maravilha”⁸⁸. Esse alegre batizado sintetiza a trajetória que vimos seguindo: do ritual legal, através da experiência do maravilhoso, à compreensão mística e ao poder apropriador do ato de nomear. A reivindicação de posse estriba-se no poder de maravilhar-se.

A medida que a visão de Colombo ia decrescendo com os anos, ele parece ter investido mais e mais suas esperanças de posse no maravilhoso poder do nome. Recuando o olhar para os tempos da busca infrutífera de apoio real, declara que jamais perdera a esperança porque “Deus falara claramente daquelas terras pela boca de Isaías, em diversos passos de seu Livro, assegurando que da Espanha o Seu sagrado nome deveria ser proclamado nelas” (ii. 4). Portanto, o primeiro ato de nomeação de Colombo – San Salvador, para Guanahani – é a realização de uma profecia bíblica⁸⁹. Renomeação é, paradoxalmente, realização do velho. Se o ato de nomear conforma

essa pessoa de modo que o batizado lhe pertença. Isso é confirmado por exegese: pois a consequência e o efeito do batismo ‘em nome’ de Cristo pode ser inferida de um exame da asserção de Paulo ‘Você pertence a Cristo...’ (Devo essa referência a Michael Ruggissis)

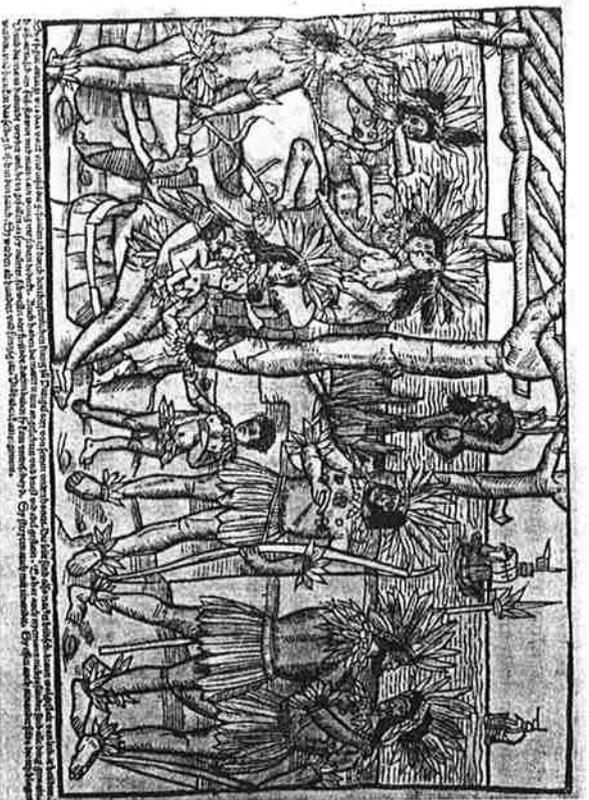
86. Morison, *Admiral*, p. 360.

87. Ver Paolo Emilio Taviani, *Christopher Columbus*, Paris, 1980, pp. 38–40.

88. O filho de Colombo, Fernando, escreveu sobre o “mistério” do nome de seu pai e vinculou esse mistério ao batismo original: “Se considerarmos o sobrenome comum de seus ascendentes, poderemos dizer que ele era realmente Colombo, ou Pombro, porque levou a grã: do Espírito Santo a esse Novo Mundo descobriu, mostrando às gentes que não O conheciam Quem era o amado Filho de Deus, como o fez o Espírito Santo na figura do pombo quando São João batizou Cristo; e porque sobre os águas do oceano, como o pombo da arca de Noé, ele conduziu o ramo de oliveira e o óleo do batismo para mostrar que as gentes que tinham estado encerradas na arca das trevas e da confusão deviam gerar de paz e união com a Igreja” (citado em Pauline Moffitt Watts, “Prophecy and Discovery”, p. 101).

89. *First Images*, II, 619.

90. Ver, de Colombo, *Libro de las Profecias, in Recopilación de documentos e sinde publicacion della R. Comissione Colombiana pel quarto centenario della scoperta dell’America*, Roma, Ministero Della Pubblica Istruzione, 1894, pt. I, vol. II, *Scritti di Cristoforo Colombo*, ed. C. de Lollis, pp. 76–160. Na



¹ Tupinambás das costas brasileiras (antiquíssima xilogravura alemã, Augsburg ou Nuremberg, c. 1505). Notar a conjunção de domesticidade e horror. The Spencer Collection, New York Public Library, Astor, Lenox and Tilden Foundation.

o mundo à palavra, Colombo acredita, ao mesmo tempo, que finalmente a palavra se conforma ao mundo⁹⁰. No dizer da Escritura, “o que significa o seu nome, isso ele é” (Samuel, I, 25:25).

Em sua derradeira viagem ao Novo Mundo, já desesperado, cercado de nativos hostis, “completamente só, com febre alta e num estado de grande exaustão”, Colombo adormece e ouve uma “voz piedosa” que lhe fala de seu próprio nome:

Ó louco e tardo em crer no teu Deus, o Deus de todos os coisas, e em servir-l’o! Que mais fez Ele por Moisés ou seu servo Davi? Desde que nasceu, Ele te teve em Seu mais ex-tremoso cuidado. Quando chegaste à idade adequada, Ele fez teu nome soar maravilhosamente na terra [maravilhosamente hizo soar tu nombre en la tierra].

Já agora não é o nome divino, mas o do próprio Colombo que está no âmago da maravilha. E agora, na mente e no texto de Colombo, a conjunção da terra, do maravilhoso e do nome produz uma posse absoluta, não para o rei e a rainha da Espanha, mas apenas para ele. “Os índios, que são tão rica parte do mundo”, continua a voz misteriosa,

Ele tos deu por coisa própria; tu os dividiste como quisesse e Ele te habilitou a fazê-lo. Das barreiras do Mar Oceano, fechadas com tão poderosos cadeias, Ele te deu as chaves; e foste obedecido em muitas terras, e entre cristãos ganhaste fama honrosa. Terá feito Ele mais pelo povo de Israel, ao tirá-lo do Egito? Ou por Davi, a quem de pastor fez rei da Judéia?⁹¹

Ao menos por um momento – de perfeita maravilha e loucura possessiva – Colombo se tornou rei da Terra Prometida.

carta inacabada aos monarcas católicos com que tentou introduzir o *Livro das Profecias*. Colombo diz que sua decisão de navegar para ocidente foi inspirada pelo Espírito Santo: “Animado por um fogo celestial, recordei a Vossa Alteza: todos os que ouviram falar de minha empresa zombaram de lá; todos os cientistas que adquiri de nada me serviram; sete anos passei em vossa real corte, discutindo o caso com pessoas de sábia autoridade e versadas em todas as artes, e no fim elas se persuadiram de que tudo era vão. Só em Vossa Alteza permaneci até à fé e à constância. Quem duvidará que essa luz provinha das Sagradas Escrituras, iluminando assim a vós como a mim com raios de maravilhosos esplendor? [con raios de claridad maravillosa]. Trad. ingl. in John Leddy Phelan, *The Millennial Kingdom of the Franciscans in the New World*, 2^a ed. rev., Berkeley: University of California Press, 1970, p. 20. Para o original, ver *Raretales ad documenta*, pp. 79-80.

Sobre Colombo e profecia, ver Pauline Mslfin Watts, “Prophecy and Discovery”, pp. 73-102; Atanorie Reeves, *Journal of Fine and the Prophetic Future*, Londres, SICCK, 1976, pp. 128-129. No texto de morte, Colombo vestiu o hábito de franciscano.

90. Para a noção da terra “conformando-se” ao nome, ver o relato que Colombo fez de sua terceira viagem: “Chamei a esse lugar *Jardines*, porque correspondia a esse nome [porque así conluna por el nombre]” (Lame II, 24). Ver igualmente o nome de Trindade (II, 12). Há, evidentemente, em tal nome um elemento tanto de esperança mágica como de significação táctica. Para um cândido vislumbre da ilusão, ver López Viz (1586), in Purchas xii, 292: “O descobridor desses ilhas chamou-lhes Ilhas de Salomão, para que os espanhóis, supondo fossem as Ilhas onde Salomão mandava buscar Ouro para adornar o Templo em Jerusalém, pudessem achar mais descevil’r habitações”.

91. II, 90-92. A referência às chaves é parafrazeada da *Arctica* de Séneca. Sobre Colombo e a figura de Davi há uma literatura substancial, incluindo um longo debate acerca do lugar do judaísmo no pensamento de Colombo. Ver Abin Milham, *Colón y su Mentalidad Mesianica*, especialmente pp. 230-251; Juan Gil, *Colón y la Casa Santa*, “Historiografía y Bibliografía Americanistas”, *E.E.H.A.*, 21: 125-135, 1977.

LINGUAGEM DO RAPTO

Em sua terceira viagem ao Novo Mundo, Colombo ancorou numa ilha a que deu o nome de Trindade¹. Uma grande canoa com vinte e quatro homens armados de arcs e flechas, empunhando escudos de madeira, acercou-se do navio. A visão impressionou Colombo; os índios, escreve ele, eram “bem proporcionados, não negros, mas mais brancos que outros que avistamos nas Índias, bastante graciosos e de belos corpos, cabelos compridos e lisos, cor-lados à moda de Castela” (II, 14). Observou algo mais: “Trazem a cabeça envolta em mantilhas de algodão, coloridas e finamente trabalhadas que eram, creio eu, *almizazares*”. *Almizazares* eram véus ou mantilhas usadas pelos mouros da Espanha, quase sempre como cobertura, e lembravam os turbantes das Índias Orientais pintados em iluminuras de Mandeville e Marco Polo. Mas os nativos de Trindade faziam outro uso deles: “Apresentam-se com ou-tros desses panos em volta do corpo, em substituição aos calções”.

Como bem notou Tzvetan Todorov, Colombo era menos um observador infatigável que um infatigável leitor de signos, e os detalhes que ele registra aqui e em outros lugares não constituem tentativas de captar o mundo tal qual este se apresentava a seus olhos, e sim compilações de sinais

1. Las Casas cita Colombo: “Aprouve a Nosso Senhor, por Sua exaltada majestade, que primeiro se avistasse-m três montanhas, digo três montanhas, todas ao mesmo tempo e de um só relance. De Sua bondade, Sua exaltada poder me guia, e de tal modo que Ele recebe muito serviço e Vossas Altezas muito prazer, visto ser certo que o descobrimento dessa terra nesse lugar foi tão grande milagre quanto o descobrimento de terra na pinheira viagem” (*Sedici Documentis*, ed. Lane, II, 13).